



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## **SAM NO ES MI TÍO: FRONTEIRAS RECRIADAS, SUBJETIVIDADES REINVENTADAS**

Ana Cristina dos Santos (UERJ)

*"La invención de las fronteras presupone ya el deseo de traspasarlas."*  
(Jorge Volpi)

### **RESUMO:**

A obra *Sam no es mi tío: veintidós crónicas migrantes y un sueño americano* (2012), organizada por Aileen El-Kadi e Diego Fonseca trata das relações entre deslocamentos espaciais e questões identitárias. O livro é um mosaico no qual se pode encontrar crônicas, reflexões pessoais, ensaios e testemunhos dos autores. Os textos são propícios para mostrar a experiência do sujeito em trânsito que se move constantemente pelos vários espaços das culturas latino-americana e estadunidense. A experiência da errância e a projeção de identidade gerada por esses deslocamentos permitem pensar na subjetividade desses sujeitos a partir de um lugar duplo, híbrido, não-unitário. Os relatos presentes na obra estabelecem novas relações com o espaço que suscitam algumas perguntas: Quais as consequências desses deslocamentos territoriais para a (re)construção identitária do sujeito migrante? A partir de que espaço cultural se poderia ler os textos desses escritores migrantes? Portanto, pretende-se, tomando como base a obra citada, analisar e discutir a relação entre as experiências de deslocamentos e as de reterritorialização e suas consequências para a (re)construção identitária. As várias respostas que podem ser dadas às essas perguntas acabam por ressignificar os conceitos homogeneizantes de identidade, identidade nacional e, por conseguinte, o próprio conceito de literatura nacional, tão veementemente defendido durante a criação das nações independentes da América Latina no século XIX.

Palavras-chave: Espaços contemporâneos. Deslocamentos. Fronteiras. Identidade

Desde o final do século XX, deslocar-se parece ser o traço caracterizador das sociedades *pós*<sup>1</sup>. A errância se converteu na nova condição da humanidade, marcada pelos movimentos globais em massa e pela mobilidade virtual (TORO, 2010, p. 08). Estar no mundo, hoje, é conviver com deslocamentos, movimentos migratórios, diásporas, exílios e todas as suas implicações. Não que o deslocamento também não tenha existido em outras épocas, mas, na contemporaneidade, viaja-se mais e chega-se mais rápido aos lugares. Como consequência, têm-se a impressão de que as distâncias diminuíram no vaivém entre um lugar e outro e que as fronteiras entre os países se

---

<sup>1</sup> Compreendemos com esse termo a modernidade tardia, a pós-modernidade e a globalização.

diluíram. Dessa forma, segundo Castells (1999), a sociedade atual é pensada em termos de territorializações e reterritorializações, mobilidade urbana, de não lugares intercambiáveis, de cidades globais, que privilegia o que se move, se desloca e flui.

Com isso, a relação de superioridade sempre existente entre as categorias de tempo e espaço ganha novos matizes. O tempo, o Cronos, que ordenou e ordena a realidade em que vivemos, divide, agora, a sua supremacia também com o espaço. Não por casualidade Foucault (2013, p. 113), ainda na segunda metade do século XX, assegurava que "A nossa época talvez seja, acima de tudo, a época do espaço. Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado e do disperso".

De modo que a correspondência estabelecida na contemporaneidade com o espaço é relacional, interacional e plural. Esse se torna maleável, fluido e seus limites, antes incontestáveis, diluem-se. Os contatos constantes entre um lugar e outro, decorrentes das relações interpessoais, mudam não só o espaço, mas também as pessoas. Os deslocamentos acarretam uma experiência de profunda transformação subjetiva, decorrente, basicamente, do contato com a alteridade. Assim, pensar nos deslocamentos contemporâneos, sejam por razões econômicas, políticas, sociais ou simplesmente turísticas, implica analisar os constantes processos de reconfiguração da subjetividade que a movência provoca no sujeito errante, pois, o contato com o outro "desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades" (IANNI, 2003, p. 14).

Esse vínculo entre espaço, movência e subjetividade define os deslocamentos das sociedades pós, em que o global e o local se inter-relacionam e explica o fato de as identidades, individuais e nacionais, estarem no centro das discussões culturais contemporâneas. Essas afetam e são afetadas pelos deslocamentos. O sujeito em trânsito não abandona completamente sua relação com o país de origem, mas reconfigura o sentimento de pertença ao relacionar a sua cultura com a do país de chegada, impossibilitando, assim, a construção de um pertencimento único, o que "... nos permite pensar al sujeto migrante en un lugar doble, híbrido y no unitario" (FERNÁNDEZ BRAVO ET AL. 2003, p. 11).

Essas constantes reformulações e negociações identitárias que afloram dos sujeitos diaspóricos são elementos importantes na construção do conceito de hibridismo cultural, difundido pelo teórico argentino Néstor García Canclini. Para o autor, o sujeito em trânsito se relaciona com espaços sociais e zonas de contato de diferentes perspectivas culturais que se encontram e se chocam, criando os entre-lugares com os

quais convive. Ainda segundo o autor (2008, p. xix), o termo hibridismo cultural auxilia na identificação e na explicação dos “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Sob esse prisma, as identificações estão abertas ao diverso que contém a relação de movimento, rejeitando a ideia de uma identidade de origem única. O sujeito não mais se incorpora à nova cultura e, tampouco, abandona a de origem, mas cria uma terceira nos interstícios das duas. Nos entre-lugares culturais, provenientes dos espaços de movência, negocia a sua cultura com a cultura do outro e aprende a traduzir e a negociar entre elas, criando uma cultura híbrida e uma identidade traduzida. Na concepção do autor (2008, p. 309 e ss), o continente latino-americano deve ser considerado o local, por excelência, desse hibridismo cultural, já que, há séculos, é um espaço de imigração e migração.

Essa relação entre deslocamento pelo espaço, maiormente urbano, e as constantes negociações culturais e subjetivas dos sujeitos em trânsito das sociedades pós são temas que marcam o cenário literário atual. Nas narrativas de escritores latino-americanos contemporâneos, podemos encontrar o tema da migrância<sup>2</sup> pelos espaços urbanos entrelaçado às configurações identitárias e personagens desenraizadas, que circulam por territórios liminares e espaços de movência. As diversas obras desses autores, publicadas nos últimos anos na América Latina, possuem como tema literário essa cartografia da errância e colocam em cena personagens em constante movência, conscientes de que o pertencimento é algo temporário e a identidade um conceito em transformação e, portanto, negociável. São personagens desterritorializadas que constroem a sua subjetividade a partir da experiência do trânsito, do pertencer e transitar entre duas ou mais culturas. De modo que não conseguem encontrar uma referência para o termo "estar em casa", pois, o que significa "estar em casa" quando se deve "aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas" (HALL, 2005, p. 89)? Como deslocamentos e subjetividades são termos inter-relacionados, os deslocamentos externos sofridos conduzem aos internos, nos quais os sujeitos se redefinem e (re)inventam a si mesmos e as suas próprias histórias:

---

<sup>2</sup> Utilizamos em nossa pesquisa o termo migrância segundo a acepção de Olivieri-Godet (2010, p. 189) “...*migrância* é um neologismo que está intimamente ligado ao contexto pós-moderno que o criou para figurar experiências de deslocamentos e modalidades intersubjetivas específicas dos tempos atuais” (Grifo da autora).

À medida que viaja, o viajante se desenraíza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo em que se reafirma y modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca aquele que regressa. (IANNI, 2003, p. 31)

Apoiando-nos, pois, nas reflexões acima sobre a relação entre deslocamentos e identidades, este trabalho visa analisar e discutir a relação entre as experiências de deslocamentos e de reterritorialização e suas consequências para a (re)construção identitária do sujeito errante. Nosso estudo enfoca a obra *Sam no es mi tío: veintidós crónicas migrantes y un sueño americano* (2012), organizada pela brasileira<sup>3</sup> Aileen El-Kadi e pelo argentino Diego Fonseca, ambos cruzaram várias fronteiras territoriais e linguísticas ao longo de suas vidas e, atualmente, vivem nos Estados Unidos. As crônicas relatam 24 testemunhos e experiências sobre estar e viver nos Estados Unidos, sendo 23 de autores latino-americanos nascidos em diversos países, como México, Bolívia, Brasil, Colombia, Chile, Argentina, Peru e Guatemala e; 01 estadunidense, Jon Lee Anderson, que, por causa do emprego do pai e mais tarde do seu próprio, morou mais tempo no exterior que em seu país. Alguns desses autores já são bem conhecidos do público brasileiro como Carola Saavedra, João Paulo Cuenca, Daniel Alarcón, Claudia Piñero, Edmundo Paz Soldán e Jorge Volpi; outros como Aileen El Kadi, nem tanto. As crônicas estão todas escritas em língua espanhola, inclusive a dos autores brasileiros. Na escrita dos autores hispânicos, verifica-se a interferência linguística com frases, expressões ou palavras em inglês.

Segundo as informações no capítulo intitulado "Sobre los autores", observamos que há algumas semelhanças entre os escritores reunidos em *Sam no es mi tío...* Eles são escritores, jornalistas e professores universitários nascidos entre 1957 e 1980 e conhecidos nos seus países ou nos Estados Unidos, pois já publicaram romances ou contos que alcançaram notório sucesso. Também compartilham uma experiência transnacional de cruzar as fronteiras de suas nações de origem, alguns já viveram em diferentes países. Em algum momento de suas vidas, eles migraram para os Estados Unidos ou pensaram em fazê-lo. No caso de Anderson, viveu entre outros países e os Estados Unidos. Alguns ainda vivem na terra do Tio Sam e outros, apenas estiveram lá

---

<sup>3</sup> A autora nasceu no Brasil, no estado da Bahia, em 1972. Contudo, na época do Ensino Médio foi morar em Tucumán, Argentina, onde permaneceu até a sua vida adulta.

de "passagem" e depois retornaram aos seus países, como é o caso, entre outros, da argentina Claudia Piñeiro e da brasileira Carola Saavedra. As crônicas refletem, assim, uma visão do "outro", o latino-americano, de "dentro" e de "fora" dos Estados Unidos. Contudo, a partir do interior ou do exterior do espaço estadunidense, todos os relatos mostram os (des)encontros culturais entre as duas culturas separadas apenas

por la frontera como línea de sombra, como lugar común de nuestro tiempo, construcción precaria, espacio por naturaleza conflictivo, incompleto o por completar, siempre carente de afirmación, de que sea afirmado y reafirmado, marcado y demarcado por otro y a cualquier costo. (LEONES, Andrés de, "Debajo de la línea de sombra", 2012, p. 100)<sup>4</sup>

As crônicas pretendem expor, por meio do olhar do "Outro", marginalizado na cultura do país de chegada, a dicotomia das duas Américas, a anglo-saxônica e a latina. Ademais, pontuam as mudanças existentes, desde o final do século XX, nas relações entre o migrante latino-americano e a cultura estadunidense, por tal motivo, o Sam já não é mais meu tio. Em entrevista concedida a Fabián Soberán (2012), Aileen El-Kadi, comenta sobre o título do livro:

Sam no nos define [a los latinoamericanos], no es nuestra sangre, nuestro tío, pero se ha convertido en nuestro pariente bastardo (y nosotros en sus sobrinos molestos). Ni nosotros lo reconocemos como familia, ni él a nosotros, pero tenemos que convivir en una misma casa.

A obra revela que para o latino-americano viver em território estadunidense, ainda que de passagem, é uma experiência de desencontros e tensões culturais, políticas e econômicas que acompanha a todos os que ousaram atravessar as fronteiras geográficas e ideológicas para adentrar em território estadunidense. Por tal motivo, não nos surpreende o uso do termo "crônica" no subtítulo da obra, pois o que faz a crônica se não uma reflexão sobre a vida social e os costumes cotidianos? Aileen El-Kadi (2012) nos comenta que a escolha do gênero crônica para a coletânea ocorreu porque esse "Es un género maleable que incorpora distintos componentes de la ficción y del periodismo narrativo sin alejarse de los hechos reales". É por meio dos fatos cotidianos, em sua maioria ocorridos com os próprios autores e narrados em primeira ou terceira pessoa, que eles refletem sobre o significado de ser latino-americano em território estadunidense nos dias de hoje, enfocando a relação entre espaço e construção identitária.

---

<sup>4</sup> Todas as citações do livro *Sam no es mi tío...* aparecem referenciadas com o nome do autor, nome da crônica entre aspas, ano e página.

Os relatos descrevem autores e personagens em constante trânsito, habitando nos lugares provisórios que se formam nos interstícios das duas culturas. Sob os efeitos da desterritorialização e da reterritorialização, as crônicas situam as cidades cosmopolitas estadunidenses como o lugar de suas narrativas e os conflitos identitários decorrentes das subjetividades migrantes e nômades como tema principal. Relatam a presença do sujeito latino-americano dentro do território estadunidense e as contradições que marcam a vida do migrante que, como eles, chegam para viver nesse espaço. Segundo os organizadores ("Prefacio: espacios que separan fronteras", 2012, p. 14),

El principal objetivo de esas crónicas es reafirmar estas contradicciones, ofrecer un tápiz de múltiples hilos que conforman la diversidad de ese imaginario. Los autores de estos textos socializan con sus lectores reconociendo que pertenecen a grupos distintos y diversos, los une el saberse latinoamericanos. Aunque claro, es justamente éste uno de los disparados de las polémicas que presentan estos textos. ya no hay identidades. Hay identificaciones. Ni grandes narrativas, sino trozos de ideales destrozados. Son otros los cuestionamientos. Otras nuestras ficciones y verdades. Estas crónicas exhiben el modo en que las delimitaciones anteriores se fundieron, se demarcaron, para dar lugar a lo híbrido, a lo deformado. Nos han quedado naciones desajustadas. Estos cronistas retratan tales desajustes [...].

Desajustes que mostram as negociações que o sujeito latino realiza para "adaptar-se" à nova cultura. As narrativas expõem as perdas, mas também incluem os ganhos com as trocas entre as culturas. Os textos ressaltam que, antes de tudo, todo migrante é sempre um tradutor entre a cultura de seu lugar de origem e a do país adotado, como nos relata Daniel Haffom ("Dicho hacia el sur", 2012, p. 123): "De ese día en adelante, pertenecería yo indistintamente a dos mundos, a dos países, a dos culturas, pero sobre todo a dos idiomas".

Como assinalam os organizadores, sob o termo "latino-americano" eles reuniram, sem nenhuma diferenciação, os diversos grupos étnicos e linguísticos aos quais pertencem os autores das crônicas<sup>5</sup>. Asseguram, ainda, que tal agrupamento se realizou não sob a égide da identidade nacional, mas considerando a identidade social dos escritores, ou seja, o elemento que os levou a unir esses autores foi a conscientização de que eles se vinculam a um grupo maior, que se amalgama por meio da cultura: o de latino-americanos. A partir dessa perspectiva, a obra cria uma unidade

---

<sup>5</sup> Incluem, inclusive, os textos de escritores brasileiros em espanhol, homogeneizando a produção literária existente abaixo da fronteira dos Estados Unidos com o México.

cultural transfronteiriça e um espaço coletivo de colaboração, que não cabe nos limites geográficos e culturais dos Estados Unidos e nem nas fronteiras dos países de origem.

Nas crônicas, personagens e autores não se identificam com suas nações específicas, mas com esse espaço geográfico mais expandido e ao mesmo tempo intercambiável: a América Latina dentro e fora dos Estados Unidos. Essa identificação mais ampla é necessária a fim de não permitir o processo de assimilação proposto pela cultura dominante que, objetiva "apagar" os traços culturais próprios da cultura do país de origem. Como a aculturação não acontece, a cultura dominante procura uma homogeneização que aglutina, nos termos "latinos" e "hispanicos", usados de maneira pejorativa, as diferenças existentes entre as origens dessa população (sempre em uma oposição dicotômica com a sua própria cultura, como branco X moreno; protestante X católico; trabalhador X preguiçoso).

No território de chegada, os latinos são marginalizados pelo poder não só em relação a sua etnia e aos seus valores culturais, mas também pela sua posição na divisão social do trabalho e no gozo dos seus direitos. Por isso, a necessidade de ressignificar o termo latino-americano e reivindicar as características que distinguem suas subjetividades culturais como um grupo dentro desse território, criando, assim, a identidade latino-americana do/nos Estados Unidos. Lembremos que a identidade só é reivindicada por aqueles que não são reconhecidos pelos seus interlocutores, como é o caso dos latinos-americanos em relação aos estadunidenses. Contudo, vale ressaltar que mesmo depois de se inserirem no território estadunidense, os latinos recusam-se a assimilar-se à cultura desse país. Realizam uma constante retroalimentação em relação à cultura da América Latina, mantendo sempre contato com a produção intelectual e cultural de seus países de origem.

Como os latinos rejeitam os processos de assimilação e a aculturação que a cultura dominante lhes deseja impor; resta-lhes, de maneira antropofágica, "devorar" os valores culturais estadunidenses e devolvê-los mesclados às suas culturas de origem. Tal processo gera uma nova maneira de ser e de estar nesse território: traduzido. Assim, por meio do processo de tradução, a identidade latina construída nas crônicas estabelece um diálogo com a cultura estadunidense "branca", na tentativa de visibilizar a identidade latina "morena" existente, desde a época da colonização, nesse território:

Los hispanos para los blancos, todavía eran invisibles. En el resto de la vida *blanca*, no los veía por ningún lado; si los veía, no te percatabas de ellos. Eran como los nativos americanos, los indios, como todavía los llamábamos en esos años: no tenían caras ni

nombres ni identidades. Eran los que hacían esos trabajos, y fin de la historia. (ANDERSON, Jon Lee, "El sueño americano", 2012, p. 283. Grifo do autor)

Se partimos da concepção de que a transnacionalidade se revela "[...] pela construção de identidade social coletiva que ultrapassa as fronteiras políticas-geográficas dos estados-nações em cujos territórios essa cultura se mantém" (LOPES, 2010, p. 355), verificamos que a cultura latino-americana, produzida nos Estados Unidos do final do século XX aos dias de hoje, constitui um caso modelar de transnacionalidade cultural e a sua produção estética configura uma literatura transnacional. *Sam no es mi tío...* exemplifica esse conceito de literatura transnacional. Como indica o seu prefixo -trans, ela é "atravessada" por várias nações. Motivo pelo qual ela é aberta a interações, à criação do novo e do diverso. Assim, a palavra-chave das crônicas é hibridismo cultural decorrente do contato constante entre as culturas de partida e de chegada. Ao atravessar as fronteiras, os escritores estabelecem novas relações entre a cultura e a língua fora/longe do território em que são utilizadas, nas quais não cabem mais a unidade. A partir dessas relações, os escritores refletem sobre seus traços identitários de transnacionalidade.

Essa literatura transnacional suscita algumas perguntas em relação à obra que ora analisamos: A partir de que espaço cultural se poderia ler as narrativas desses escritores migrantes? Nesse ponto, nosso questionamento se centra nos textos dos escritores brasileiros da obra. Eles estão em espanhol. Então, como classificá-los: literatura brasileira, hispano-americana, latino-americana ou transnacional? Arriscamos algumas respostas às essas perguntas (mas que não exclui outras). Elas podem ser lidas dentro de um contexto espacial mais amplo, em nosso caso o latino-americano, o que leva a classificação desse tipo de texto produzido em condições de migrância, em um território não latino, como literatura transnacional. Esta literatura se afilia a um novo espaço, no qual se fusionam os contatos culturais, criando um espaço híbrido, e, conseqüentemente, mais amplo que a do território nacional do escritor.

A produção literária desses escritores em trânsito, como a coletânea de crônica que analisamos, fomenta também o questionamento sobre os limites da homogeneidade monolíngue. Nos textos há uma constante mescla dos códigos linguísticos utilizados na região. Tal mescla provoca uma fissura no conceito de literatura nacional, caracterizada como aquela produzida em um determinado território com uma língua específica, conforme nos explicita Bernd (2010, p. 14): "Migrações, exílios, diásporas,



mestiçagens, levam ao questionamento sistemático da pertença única, abrindo uma fenda no debate identitário que precisa ser libertado de seu pacto exclusivo com a língua e a nação”. Nesse ponto, nosso questionamento se centra nos textos de escritores brasileiros da obra. Esses estão em espanhol. Então, como classificá-los: Literatura brasileira? Hispano-americana? Latino-americana? Com isso, vemos que não há como falarmos de identidades culturais coletivas associadas a regiões ou a línguas. As respostas a esses questionamentos ressignificam os conceitos de cultura, língua, identidade nacional e, por conseguinte, o próprio conceito de literatura nacional. Conceitos que os autores contribuem para pulverizar em suas crônicas:

Viviendo en Nueva York, donde más de un tercio de la población nació fuera de los Estados Unidos, uno se acostumbra rápido a creer que la nacionalidad es un componente poco importante de la identidad de una persona. Es un talante y una teoría que me gustaría defender. Quizá la nacionalidad no tiene el valor que creemos que tiene: quizá no somos tan argentinos, o mexicanos o colombianos como creemos. Quizá el país donde crecimos o con el que más nos identificamos, en el fondo, dice menos de nosotros de lo que habíamos creído. (IGLESIAS ILLA, Hernán, "Renuncio", 2012, p.161).

Ainda segundo Bernd (2010, p. 16-17), os escritores transnacionais, como a maioria que encontramos na coletânea *Sam no es mi tío...*, são autores que cruzaram as fronteiras de seus países, optaram por viver em países diferentes de onde nasceram e escrevem suas obras ou em sua própria língua ou na do país em que vivem. A pesquisadora explica que esses autores recusam as definições identitárias essencialistas, fechadas e circunscritas a um só quadro de referências. Ao ultrapassarem as fronteiras nacionais, esses escritores produzem novas formações identitárias que rejeitam a ideia de uma identidade formada a partir de critérios de raça e de local de origem. Nesse ponto, encontra-se a diferença entre as narrativas produzidas pelos autores exilados e as dos escritores migrantes.

Se na literatura dos escritores exilados, podemos encontrar manifestações de nostalgia em relação ao país de origem, essas não existem nas crônicas da coletânea. Os escritores de *Sam no es mi tío...* se sentem privilegiados pelo fato de estarem em contato com outras culturas e diferentes línguas. Criam assim, uma subjetividade nômade que se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer enraizamento, pois concebem o espaço como uma categoria plural, multifacetada e heterogênea. Essa característica se

observa nos relatos, quando os autores manifestam, explicitamente, a vontade de permanecer no país de chegada, onde já estabeleceram suas vidas:

Otros muchos factores se añaden ineluctablemente a esos aburridos primeros factores para poder desentrañar por qué me quedé en los Estados Unidos y no volví a México como siempre pensé que al final sucedería. Menciono dos: aunque mexicana, mi esposa jamás quiso volver a México y siempre se empeñó en quedarse en Estados Unidos (en esto ella pensaba como yo solía pensar en el Sanborns a mediados de los ochenta). (URROS, Eloy, "Un anacoreta en el desierto de los rubios monolingües", 2012, p. 199-200)

Esse desejo de permanecer nos Estados Unidos não manifesta uma concordância com os padrões culturais dominantes. Autores e personagens mostram-se abertos a essa cultura, mas sem perderem o que trouxeram das suas. Apenas significa o desejo de transculturar-se. A relação entre as culturas é a de troca, de simbiose, para, então, formar uma terceira cultura, híbrida. As crônicas retratam essas relações de troca que os narradores estabeleceram com o novo espaço de chegada. Em todas, demonstram como chegaram a construir uma identidade transnacional que remete ao que realmente são: sujeitos hifenizados que vivem no entre-lugar de duas ou mais culturas. Essa característica apresenta-se bem delineada em algumas crônicas autobiográficas que contribuem para os autores inventarem a si mesmos e as suas pertencas. No relato autobiográfico "Travesías", de Aileen El-Kadi, a autora narra os seus constantes deslocamentos e os de seus pais, conscientizando-se de que foram esses deslocamentos que contribuíram para formar o que ela é hoje: um sujeito desterritorializado, com uma subjetividade nômade e uma identidade híbrida; incapaz de subscrever-se a um único território, a uma única raíz e, conseqüentemente, a uma única identidade:

Mis travesías habían sido una serie de intentos de recrearme maneras de ser que yo concebía como fijas, inventarme una sola raíz, dibujarme con una sola línea, prolija y sin quiebres. (...) Ni Brasil, ni Argentina, ni Egipto, ni Alemania, ni Italia me pertenecían ni me definían. Mi documento de extranjería tampoco era mi pasaporte con todas mis visas y sellos de entrada y salida. Mi documento era esa hojita que me entregaron en *Human Resources* y que no supe cómo marcar. Esa hoja que dejeé en blanco. (EL-KADI, Aileen, "Travesías", 2012, p. 35).

De modo que, as crônicas presentes na obra *Sam no es mi tío* nos permite verificar que, na contemporaneidade, os limites não ilusórios "[...] las fronteras son construcciones imaginarias [y] acaso la mejor forma de combatirlas sea por medio de variedades más provechosa de la imaginación [...]: la ficción" (VOLPI, Jorge, "Apéndice: los crímenes de Santa Teresa y las trompetas de Jericó", 2012, p. 304).

Como espaços imaginados, as fronteiras podem se expandir e ultrapassar os limites do território nacional e da língua para conter o que antes excluía. Sob essa perspectiva, podemos entender o processo de expansão das fronteiras presente nas crônicas que conduz a uma literatura transnacional. Seus autores, tomando a cultura que está acima dessa linha, a estadunidense e, amalgamando-a com o que está abaixo, a latino-americana, constroem o espaço expandido da América Latina que incorpora tanto a América anglo-saxônica quanto a latina. Ao executarem esse movimento de expansão, seus textos diluem fronteiras tradicionais e promovem espaços interacionais, criando, assim, novas cartografias do espaço.

Esse espaço transfronteiriço e transcultural, encontrado nas crônicas, gera uma nova formação identitário-cultural que se caracteriza por ser hifenizada, traduzida, própria dos sujeitos que, como os autores e personagens das crônicas, cruzaram as fronteiras territoriais, ideológicas e linguísticas. Identidade que implica uma nova relação do sujeito migrante com o espaço em que se encontra, no qual aprende a negociar com as culturas e a operar em um código plural, consciente de sua hibridez cultural e das heterogeneidades presentes em seu ser. Essa identidade é característica de sujeitos descentrados e moventes, como os sujeitos híbridos do século em que vivemos.

A literatura transnacional presente em *Sam no es mi tío...* se nutre dos elementos que vão além das fronteiras nacionais da origem dos escritores e dos que estão também no território de chegada, como os quais eles aprenderam a negociar. Essa literatura existe no território estadunidense como continuidade do mundo latino-americano que está fora e, ao mesmo tempo, dentro desse espaço. E, como literatura transnacional, privilegia os relatos e as experiências dos sujeitos híbridos que levam à recriação dos espaços territoriais, ampliando as fronteiras e (re)construindo novas subjetividades.

### **Referências**

BERND, Zilá. Colocando em xeque o conceito de literatura nacional. In: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita M Gerheim (orgs). *Relações literárias interamericanas: território & cultura*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. p. 13-22.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

EL-KADI, Aileen. Travesías. In: EL-KADI, Aileen; Fonseca, Diego. *Sam no es mi tío: veintidós crônicas migrantes y un sueño americano*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012. p.21-36.

EL-KADI, Aileen. Entrevista a Ailenn El-Kadi: "Estados Unidos necesita al latino y, al mismo tiempo, lo deporta". Entrevista concedida a Fabian Soberón. *La Gaceta Literaria* em 23 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.lagaceta.com.ar/nota/526337/la-gaceta-literaria/entrevista-aileen-kadi-estados-unidos-necesita-al-latino-y-al-mismo-tiempo-lo-deporta.html>. Acesso em: 10 set. 2016.

FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro; GARRAMUÑO, Florencia; SOSNOWSKI. Introducción. In: FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro; GARRAMUÑO, Florencia; SOSNOWSKI, Saúl (orgs.). *Sujetos en tránsito*. (in) Migración, exilio y diáspora en la cultura latinoamericana. Buenos Aires: Alianza, 2003. p. 11-28.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. *Estudos Avançados*. São Paulo/Universidade de São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-22, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705/71285> >. Acesso em: 28/07/2014.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. Trad de Ana Regina Lessa et al. 4 ed, 4 reimp. São Paulo: Edusp, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: \_\_\_\_\_. *Enigmas da modernidade- mundo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.11-32.

LOPES, Cicero Galeano. Transnação. In: BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 355-70.

OLIVIERI-GODET, Rita. Errânica/Migrância/Migração. In: BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-210.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío*. Revista electrónica de literatura comparada, núm.5. Universitat de València, 2010. Disponível em: <<http://www.uv.es/extravio>>. Acesso em: 05/08/2012.